

Oposição forma bloco no Senado antes do governo

RITAMARIA PEREIRA
Da Editoria de Política

A formalização do bloco de maioria do governo no Senado esbarra na existência de um documento, já assinado por 37 senadores que, em sentido contrário aos interesses do Palácio do Planalto, oficializará um bloco de oposição em plenário. Mesmo assim, o grupo que está trabalhando afinado com os interesses governistas acredita que poderá reverter esse quadro desfavorável pois, como diz o líder Saldanha Derzi, tudo tem como ponto central um "jogo de interesses" capaz de ser contornado.

Do lado governista formam entre outros os senadores Saldanha Derzi, Edison Lobão, Marcondes Gadelha, Irapuã Costa Jr., Leopoldo Peres, Nabor Júnior e outros que, na avaliação deles, divide a casa meio a meio entre oposição e . A eles foi delegada a missão de reverter o quadro oposicionista que, se persistir, levará este grupo pela primeira vez a ser maioria em plenário.

Esse trabalho, porém, não se restringe apenas ao Senado, pois muitos ministros de Estado se envolveram com o assunto e chamam os senadores para apurar as razões do afastamento do governo, tendo, assim, uma ficha pessoal de cada um dos consultados. O líder Saldanha Derzi reconhece que isso poderá ajudar pois existem interesses contrariados, de modo geral, entre aqueles que são mais fiéis ao Governo. Mas nega a distribuição de favores.

Todavia, como explicou um dos envolvidos na conquista de simpatizantes para o bloco governista, se não existe barganha do tipo toma lá dá cá, é lógico que tão logo formalizado o apoio da maioria, o presidente José Sarney reformulará seu governo para dar espaço aos amigos e prestigiar aqueles que ficaram do seu lado.

Enquanto a equipe ligada ao Planalto não mede esforços para corrigir os rumos das tendências do plenário do Senado, que em passado recente chegou a contar com 47 senadores afinados com o Governo, e registra agora uma baixa de dez, os oposicionistas já têm em mãos um documento firmado por 37 senadores — portanto maioria do ple-

nário formalizando o bloco de oposição.

São esses problemas que levaram ontem o senador Alexandre Costa a comentar que o Governo acredita na consistência do seu bloco de senadores, mas não se dispõe a testá-lo enquanto ele não estiver realmente consolidado. Afinal, disse, "maioria não se assanha". Na tarefa de atender os interesses governistas, o senador Marcondes Gadelha também praticamente passou a dar mão forte ao líder Saldanha Derzi, uma vez que o PFL tem uma liderança dissidente do Governo.

O Planalto aposta na articulação desencadeada para a votação do sistema de governo e dos cinco anos de mandato, achando que as condições não se modificaram. Quem estava do seu lado permanece e os oposicionistas também são largamente conhecidos, porque nunca mudaram de posição. No bloco governista há a convicção de que preparar a sustentação parlamentar do Executivo interessa a todos os grupos, porque evitará traumas na transição democrática.

Para o convencimento dos senadores vem funcionando diversos tipos de conversas: interferência dos governadores, amizade pessoal com o presidente José Sarney ou com seus líderes no Senado. Mas já está definido que neste bloco fica proibido falar em seis anos de mandato, como queriam segmentos minoritários.

As conversas vêm sendo dirigidas para conhecer o pensamento dos senadores a respeito de apoiar o Governo, quando todos os líderes afinados com o Planalto se envolvem. Mas eles estão certos de que o fecho decisivo do apoio será colocado pelo próprio Presidente, quando dispuser de uma avaliação completa sobre com quem conta.

O processo, segundo um desses líderes, se completará com a votação dos cinco anos, que revelará aos amigos do Presidente. Para ter maioria, há a esperança de que do mesmo modo como o Governo perdeu dez senadores nos últimos tempos poderá reconquistá-los. Até porque muitos acreditam que não existe entre os integrantes do Senado a disposição de solapar o presidente José Sarney ou desgastá-lo a ponto de inviabilizar seu Governo.